# *TERRA SONÂMBULA*, DE MIA COUTO: uma leitura da paisagem e da memória

Juliana Morais BELO

## Introdução

Com o advento do século XX, o romance tem em sua estrutura formal muitas modificações no que diz respeito aos elementos estruturais da narrativa. Essas transformações dão-se no campo estético e ideológico. Ao leitor, a obra se apresenta no campo das dúvidas, não mais no das certezas. Com relação à crítica literária, temos o advento de novas correntes, cujas propostas visam um novo olhar sobre o texto literário.

Nos últimos anos, o olhar sobre a importância do espaço na narrativa tem se acentuado, pois os estudos acerca deste elemento estão restritos ao local onde a ação da trama da narrativa ocorre. Mediante a interrelação da criação literária com o olhar da Geografia Humanística, percebemos que os anseios humanos presentes nas representações da paisagem estão presentes nas narrativas literárias.

Portanto, uma análise do espaço literário deve investigar até que ponto a relação cultura x espaço influencia e determina o comportamento dos personagens dentro da trama romanesca. É a noção de paisagem fundamentada na percepção, experiência e valoração das dimensões intrínsecas da vida.

Sob a perspectiva da Geografia Humanística, o presente artigo visa analisar a percepção da paisagem da memória em *Terra Sonâmbula*, romance do escritor moçambicano Mia Couto, e investigar qual a importância do espaço para o desenvolvimento da narrativa e a relação dos personagens com o espaço percebido.

## Estudos sobre o espaço literário

Ao longo da história, muitos escritores têm dedicado, em suas obras literárias, reflexões acerca do espaço terrestre. Para Yi-Fu Tuan, as obras literárias estão repletas de experiências sobre a relação entre homem e espaço. Todavia, os estudos sobre a

importância do espaço na narrativa são limitados. No livro *Espaço e Romance* (1985), Antonio Dimas afirma que existem inúmeras armadilhas no texto literário que têm em leitores despreparados um alvo fácil. Dentre as diversas estratégias utilizadas por escritores, o espaço pode assumir tanta importância quanto os outros componentes da narrativa. Em certas narrativas, o espaço pode apresentar-se de forma diluída e, conseqüentemente, sua importância pode ser secundária. Noutras, ele pode ter prioridade a ponto de apresentar-se determinante para as ações da trama. Cabe ao leitor perceber qual a funcionalidade e a organicidade, quais os componentes desse espaço e qual sua importância para o desenvolvimento do enredo.

Todavia, os estudos sobre o espaço literário ganham mais força na figura de Gaston Bachelard que, num conjunto de seis obras, numa perspectiva filosófica e psicanalista, contribui com as especulações sobre a importância do espaço na literatura. O autor desenvolveu estudos sobre a imaginação poética aliados aos quatro elementos fundamentais que são a terra, a água, o fogo e o ar. A primeira obra é *A psicanálise do fogo* (1938), seguida de *A água e os sonhos* (1942), *O ar e os sonhos* (1943), *A terra e os devaneios da vontade* (1946), *A terra e os devaneios do repouso* (1948), e a que mais interessa para essa abordagem, *A poética do espaço* (1957).

Nos estudos de Bachelard, é comum encontrarmos a ligação entre o rigor científico e a experiência pessoal. A proposta do autor é estabelecermos o que ele denominou *topoanálise,* que seria "o estudo psicológico dos recantos de nossa vida íntima" (BACHELARD apud DIMAS, 1985, p. 44).

Outro estudo que merece destaque nesta abordagem é a dissertação de mestrado de Ana Regina Vasconcelos Ribeiro Bastos (1993) que investiga a representação do espaço na literatura, especificamente a literatura brasileira produzida na década de 1930, conhecida como geração modernista regionalista. No primeiro capítulo intitulado "Literatura e representação do espaço", a autora inicia duas discussões: a primeira diz respeito ao romance enquanto forma de representar a realidade. A segunda está voltada para a representação do espaço geográfico no discurso romanesco.

> Através do romance, uma forma específica de representação do espaço geográfico em questão se coloca, de acordo com a ótica e as vivências do autor. O que o leitor do romance apreende já é uma forma de representação do espaço geográfico em questão, que resulta da interação entre a imagem daquele espaço já herdado pelo leitor, segundo suas

> vivências e informações, e o que é representado pelo autor (BASTOS, 1993, p. 9).

Vale ressaltar que, ao buscarmos a representação do espaço geográfico construído pelo romance, é necessário que a obra seja contextualizada historicamente, afinal, ao apreender o espaço, o homem obtém acesso ao real mediante os discursos construídos pelas noções de realidade. O romance, ao desvendar articulações ideológicas de seu momento histórico, é instrumento de representação espacial.

Contudo, a autora salienta um ponto importante no que diz respeito à representação do espaço na obra literária.

> A representação do espaço, através do romance, não deve estar condensada a um processo exclusivo de descrição da paisagem, esta sendo considerada como um aspecto mais visível do espaço. É preciso apreender e revelar aspectos e traços humanos essenciais. Em outras palavras, ultrapassar a mera aparência da natureza para dar conta dos aspectos sociais (BASTOS, 1993, p. 23).

Outro estudo que merece destaque nesta análise é de Paulo Daniel Farah (2004), cujo pensamento afirma que o espaço é uma das principais categorias da narrativa, devido às articulações funcionais estabelecidas com as outras categorias, mas também pelas incidências semânticas que o caracterizam.

> Em primeira instância, integra os componentes físicos que servem de cenário ao desenrolar da ação e à movimentação das personagens: cenários geográficos, interiores etc.; em segunda instância, o conceito de espaço pode ser entendido em sentido translato, abarcando tanto as atmosferas sociais (espaço social) como as psicológicas (espaço psicológico) (FARAH, 2004, p. 52).

Os textos literários, na ótica de Farah, constituem um meio de definir a relação com o espaço; funcionam como uma ligação entre os autores e os lugares onde eles vivem ou viveram ou imaginam que outros viviam ou viveram. O espaço tem sua importância ao afirmar o sentido de identidade. Ele é a relação com o mundo material. Desta forma, a ruptura do espaço com o sujeito tem como consequência várias formas de fragmentação

sociais e psicológicas, pois os espaços podem ocultar ou mostrar pessoas, separar ou unir povos e revelar segredos. Tais dispositivos, aliados ao espaço, possibilitam à narrativa dinamismo e coerência sequencial.

## Teoria da percepção da paisagem

Os estudos da Geografia Humanista destacam Yi-Fu Tuan com os estudos de "Topofilia" e "Topofobia", isto é, relações de afeto e de medo com o lugar. Outra contribuição atribuída ao autor são as pesquisas sobre os laços existentes entre lugar, pessoa e paisagem. Na concepção de Yi-Fu Tuan, a paisagem abriga o próprio homem e, como conseqüência, temos a marca da percepção e da experiência que são reveladas através de atitudes e valores. Porém, como a paisagem voltou a ter destaque, as ciências humanas e o pensamento filosófico têm dedicado estudos sobre ela, pois, ao pensarmos nas noções sobre paisagem, encontramos estudos em perspectivas distintas. A questão que nos intriga é a seguinte: com a modernidade o homem deixou de pensar a paisagem? Como conceituá-la numa época de incertezas ideológicas? Para Jorge Gaspar (2001), as novas concepções devem ir além das relações entre homem e espaço, pois novos valores têm sido atribuídos à paisagem tais como paisagem patrimônio, paisagem cultural e paisagem valor de identidade. A relação atual do homem com o espaço vivenciado é uma relação entre homem, espaço e cultura, onde o papel da aprendizagem tem importância significativa.

Outros conceitos da perspectiva de Yi-Fu Tuan são as noções de espaço e lugar. O autor afirma que os dois termos são familiares e indicam experiências comuns. Todavia, temos distinções quando tratamos da questão mais aprofundadamente. No livro *Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência* (1983), podemos perceber que o espaço assume a representação de liberdade, enquanto o lugar está relacionado a refúgio. O espaço apresenta-se de forma mais abstrata que o lugar. "O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor" (TUAN, 1983, p. 6).

Com relação ao espaço, temos uma dicotomia: a relação espaço aberto x espaço fechado. No primeiro, temos a conotação de liberdade, a sensação de aventura, a beleza formal e imutável e a luz. Para Tuan, o espaço é um símbolo comum de liberdade no mundo ocidental, pois permanece aberto e indica o futuro. Já o espaço fechado assume

a representação de segurança, a privacidade e a escuridão. O espaço fechado e humanizado torna-se lugar, pois ele nos é familiar. "Os seres humanos necessitam de espaço e lugar. As vidas humanas são um movimento dialético entre refúgio e aventura, dependência e liberdade" (TUAN, 1983, p. 61).

Acerca da relação entre espaço e lugar, é importante salientarmos que, apesar de os dois conceitos apresentarem-se como dicotômicos, devemos deixar claro que as idéias das duas noções não podem ser definidas uma sem a outra, afinal, ao termos a segurança e a estabilidade do lugar, somos levados à idéia de liberdade, amplidão e ameaça que o espaço supõe.

## Guerra civil moçambicana

No século XVI, com as grandes navegações a coroa portuguesa penetrou em Moçambique. Todavia, a efetivação da ocupação militar foi iniciada em 1885, com a partilha da África pelas nações européias na Conferência de Berlim. Desta forma, iniciou-se a total submissão de Moçambique, que até o século XX ainda vivia sob administração colonial. Em 25 de junho de 1975, numa guerra de libertação que durou 10 anos, o país conquistou a independência. Contudo, no ano de 1979, o país mergulha numa guerra civil que só teria fim em 1992. Este conflito foi incentivado com o surgimento de uma revolta contrária à interferência comunista no país, que teve como liderança o grupo RENAMO, a Resistência Nacional de Moçambique. Este grupo era opositor ao FRELIMO, a Frente de Libertação de Moçambique, o partido que conseguira a consolidação da unidade nacional durante os conflitos pela independência.

Moçambique se apresenta como o território onde a incerteza é uma constante para toda a população, pois, nos conflitos armados, qualquer partido pode chegar ao poder e determinar os rumos deste país. No artigo intitulado "Terra Sonâmbula: a sobrevivência da Utopia", Rejane Vecchia (2002) discorre acerca destas incertezas:

> Confrontam-se as forças que poderão comandar a nação, transformando a vida de sua população, deslocando-as para fora de seu espaço, na procura de uma saída para o conflito que se instaurara no país (VECCHIA, 2002, p.491).

No que diz respeito aos conflitos dos grupos que tencionavam liderar o país, Norrie MacQueen, no artigo "Moçambique pós-colonial: ascensão e queda do afro-marxismo", afirma que estes conflitos não se davam somente no campo bélico, mas também no campo ideológico. De um lado observamos a liderança da FRELIMO, constituída por sulistas, de aspecto urbano, no qual o caráter mestiço era desproporcional. A força militar era historicamente dominada pelas forças do norte; já a RENAMO tinha origem e apoio estrangeiro e esta postura foi alvo de críticas pela FRELIMO, que afirmava que o grupo RENAMO não representava as raízes do país. Estes grupos, como pudemos perceber, apresentaram-se de forma diferenciada e com propostas distintas. Desta forma, não restava alternativa para a população senão fugir.

**Mia Couto: renovação da língua portuguesa em território moçambicano**

Desde a década de 1980, o escritor tem sido responsável pelo resgate de lendas e narrativas de seu povo. Para Fernanda Cacavas (2006), Mia Couto antecipa o aspecto da moçambicanidade mediante uma escrita de caráter mágico, utilizando a língua portuguesa como veículo que também é espaço de conflito no universo da oralidade do português falado em Moçambique e da sua cristalização poética tanto no contexto moçambicano, quanto no contexto da escrita contemporânea em língua portuguesa.

No que diz respeito às marcas da oralidade moçambicana em língua portuguesa, percebemos a dificuldade enfrentada pelo escritor ao adequar estas marcas à linguagem escrita e formal. Para Fernanda Cacavas esta tarefa é resultante de uma correspondência entre a oralidade criadora de diversificadas culturas de Moçambique e a escrita formal e normativa que os moçambicanos precisam reconhecer. Esta escrita tem um caráter diferenciado, pois se trata de uma língua em constante mudança, que tem sua origem europeia e, ao entrar em solo moçambicano, cria ares de moçambicanidade.

> Necessito inscrever na língua do meu lado português a marca da minha individualidade africana. Necessito tecer um tecido africano e só o sei fazer usando panos e linhas européias. O gesto de bordar me ensina que estou inventando uma outra ordem e nessa ordem esses valores iniciais de nacionalidade já pouco importam (COUTO apud CAVACAS, 2006, p. 65).

É importante ressaltar que a palavra "oral" é um dos pilares das sociedades africanas, é um sistema de autointerpretação concreta. "Por ela, a sociedade explica-se – e explica-se a si própria"(ZIEGLER apud CAVACAS, 2006, p. 69).

Para Fernanda Cavacas, a oralidade africana tem sua importância na literatura, pois o sistema oral é diferente do escrito. Aliada a esta problemática, temos a questão política que envolve a antiga língua do colonizador, que tem a função de traduzir emoções, conflitos e desejos. "A história dos africanos dir-se-ia numa verdade ontológica. E vários são os veículos de que a tradição oral se serve para transmitir aos vivos o significado ontológico do povo" (CHINWEIZU apud CAVACAS, 2006, p. 69).

O resgate da tradição moçambicana por meio da oralidade é a tentativa de contribuir para a memória coletiva do país, cujo processo ainda está em construção. Memória esta que respeita os antepassados.

Outro aspecto importante da escrita de Mia Couto é o trabalho e a reinvenção da palavra, mediante a criteriosa utilização e imaginação de recursos linguísticos. O léxico é recriado a partir da língua portuguesa falada em Moçambique, aliada às outras línguas faladas em território moçambicano. Nesta linguagem, temos a presença do português oral de Moçambique, a língua portuguesa matriz em constante transformação, cuja relação apresenta-se com o objetivo de construir a identidade nacional do país.

Aliada à linguagem peculiar, a obra de Couto tem como pano de fundo a realidade moçambicana e dos grupos sociais tanto urbanos quanto rurais que compõem o mosaico étnico-cultural do país. Outro ponto que deve ser destacado é o confronto da tradição, que se apresenta através de um simbolismo mágico e de poderes encantatórios, com a modernidade exigida pelo processo de globalização.

Todavia, ao abordar em suas obras a realidade socio-política de Moçambique, o autor entra numa complexidade que envolve diferentes idéias conflituosas. Esta tentativa representa um processo gradual que é o caminho da identidade cultural e o reconhecimento de Moçambique como nação igualitária. Vera Maquêa (2005) afirma que, na formação do romance moçambicano, há uma forte preocupação com a problemática política da mesma forma com o romance em si. Desta forma, ao estudarmos acerca das transformações ocorridas no gênero relacionadas à história e à política, podemos observar pontos em comum, mas também diferenças. No continente africano, as obras literárias têm se preocupado com a vida social, política e cultural.

Para José Pires Laranjeira (2001), ao escrever romances, Mia Couto tem como desafios a persistência, a coerência, a organização e a complexidade. Desta forma, torna possível explorar variadas problemáticas. Com relação ao primeiro romance publicado, *Terra Sonâmbula*, nossa obra em estudo, o autor afirma que semelhante romance permitiu a construção de meandros simbólicos acerca das consequências da Guerra Civil e do desnorteamento que atingiu e afligiu a população. Ao mesmo tempo, trata-se de uma alegoria da leitura, do saber e da memória, na trajetória de um menino e de um velho que buscam o significado da guerra e da destruição.

> O romance moderno ocidental baseia-se no advento da consciência individual inaugurada com o cartesianismo, que motivou a criação de um herói individual vivendo seus dramas. (WATT apud MAQUÊA, 2005, p. 170).

Nas narrativas de Mia Couto, a escrita é um objeto das temáticas relacionadas ao processo de descolonização, à memória dos moçambicanos e às soluções políticas autoritárias adotadas no país. A escrita de Couto representa a revitalização do gênero literário.

> As literaturas africanas estão muito marcadas pela esperança no poder juvenil de revolucionar o mundo, pelo menos o mais próximo, por um prometeísmo nacional. A iniciação às coisas do mundo, através da aprendizagem de ritos e saberes, da experiência da vida e da morte (LARANJEIRAS, 2001, p. 199).

Em suma, Mia Couto representa, na atualidade, a renovação não somente da literatura moçambicana, mas também da literatura africana em língua portuguesa. Podemos afirmar que há o objetivo de explorar a "moçambicanidade" literária, que se apresenta como uma catarse de criação, cujo resultado é o reconhecimento da história, do legado étnico e do multiculturalismo de Moçambique.

**Paisagem e memória em *Terra Sonâmbula***

Publicado em 1993, o romance *Terra Sonâmbula*, do moçambicano Mia Couto narra a trajetória de um velho e de um menino que tentam sobreviver aos horrores da Guerra Civil. Esta obra, que fora traduzida para mais de vinte línguas, teve boa repercussão pela crítica e conquistara vários prêmios nacionais e internacionais.

A luta pela independência e, posteriormente, a Guerra Civil são pontos fundamentais para o desenvolvimento desta narrativa, pois tais conflitos não são apenas de ordem política ou territorial, mas, acima de tudo, cultural. A preocupação de Mia Couto é resgatar narrativas orais e lendas de seu povo, para a sobrevivência da cultura moçambicana. No caso deste romance, esta tentativa apresenta-se através dos cadernos de Kindzu, cujos escritos revelam a infância do personagem, da família, mas também um país que vive questões dialéticas, tais como a miséria e a riqueza, a vida e a morte, a ambição e o desprendimento. Porém, um ponto dos cadernos de Kindzu deve ser observado: estes escritos é que tornam possível a mudança do olhar de Muidinga e Tuahir, principalmente no que diz respeito à paisagem e à forma como os personagens a percebem.

Ao lermos a obra de Mia Couto, somos apresentados a elementos culturais de Moçambique, tais como o "machimbombo" ("autocarro", traduzido à página 205), um espaço de fundamental importância para a narrativa, pois é neste espaço que Muidinga e Tuahir encontram os escritos de Kindzu e é neste local que os dois conseguem abrigo em meio aos conflitos da guerra. Outro elemento, o "concho", uma canoa, que na narrativa é o espaço pelo qual o pai de Kindzu voltaria depois de morto, representa o enriquecimento da tradição oral moçambicana.

Com relação aos espaços e seres mágicos, estes são apresentados a Tuahir e Muidinga à medida que os dois deixam o machimbombo e seguem à procura de seu próprio caminho, a própria estrada a ser percorrida. Essa caminhada é motivada pelos escritos de Kindzu que contém seres e estórias fantásticas, cuja paisagem nos é apresentada de forma poética e simbólica. Este é o ponto de partida desta análise, cujo desenvolvimento está focado na teoria da percepção da paisagem, na relação dos personagens com o espaço e suas consequências para o desenvolvimento da narrativa.

**A estrada do sonho: Muidinga. Tuahir e Kindzu**

O personagem Tuahir é retratado no livro no final de sua existência, em idade avançada, cuja preocupação mais importante é a sobrevivência perante os horrores da guerra. No que diz respeito ao plano da afetividade, o velho assume a paternidade de um menino moribundo, apesar de negá-la conscientemente. O papel aceito por ele é o de "guia" de Muidinga, que pretende encontrar a família, suas raízes e saber de sua história. Para Susanna Ventura (2005), o personagem representa o antigo homem colonizado, que é analfabeto e trabalhara em diversos empreendimentos coloniais, tais como os Caminhos de Ferro de Moçambique (CFM). Podemos perceber que o personagem não cogitou a possibilidade de viver num país independente, imaginar-se como um cidadão moçambicano ou considerar Moçambique como nação. Ele teve sua primeira perda antes das guerras, porque o filho primogênito morrera nas minas na África do Sul. É importante ressaltar que a perda do filho primogênito representa a perda da propagação da vida e da tradição familiar. Ao adotar um menino e nomeá-lo Muidinga, Tuahir tenta perpetuar o nome do filho perdido.

No que diz respeito à estrada morta, está aparentemente relacionada ao fracasso e à falsa promessa de modernidade. Todavia, ela se movimenta no plano do sonho, mediante a narração de Muidinga dos cadernos de Kindzu. Com relação à permanência na estrada, esta atitude tem motivações práticas, pois o protege contra intempéries e representa um ato de adesão à vida.

> - Você quer sair, não é?
> - Quero, tio. Esta estrada está morta.
> - Esta estrada está morta? Mas não entende que isso é muito bom, esta estrada estar morta é que nos dá boa segurança? (COUTO, 2007, p. 63).

Ao ouvir as narrações de Muidinga sobre os cadernos de Kindzu, o velho Tuahir sente brotar em si o sonho. É importante ressaltar que temos uma inversão de costumes africanos, pois, segundo a tradição, os velhos é que contam estórias aos mais novos. Outra inversão que deve ser ressaltada é que as narrativas dão-se primeiramente no plano da leitura formal e, posteriormente, na narrativa oral. Ao ouvir as estórias, o velho inicia o reconhecimento de tradições que estavam esquecidas. Vale ressaltar que a figura de um idoso na sociedade africana representa a sabedoria e a experiência. A figura de

Tuahir representa a proteção e o cuidado de pai. “Faz conta tinhas sido dado parto assim mesmo. Nasceste comigo. Eu não sou teu tio, sou teu pai” (COUTO, 2007, p. 37).

Na ótica de Carlos Batista Bach (2008), Mia Couto não estabelece a supremacia da língua formal em relação à oralidade, afinal, ao contar as histórias do caderno de Kindzu ao velho, o personagem o faz à beira de fogueiras, o que remota a comunidades arcaicas. “Assim, há um reconhecimento da necessidade do novo andar de mãos dadas com o velho; o passado com o presente” (BACH, 2008, p. 2).

Tuahir assume tamanha importância na formação de Muidinga que o velho, ao encontrá-lo quase morto, o inicia num ritual que representa amadurecimento e passagem para a vida adulta. Tal ritual consiste no enfraquecimento do corpo e da memória.

> O noviço é considerado morto, e permanece morto durante o tempo do noviciado. Este dura um tempo mais ou menos longo e consiste no enfraquecimento corporal e mental do noviço, sem dúvida destinado a fazê-lo perder a memória da vida infantil (GENNEP apud BACH, 2008, p. 2).

É possível percebermos que aos poucos Muidinga entra em contato com a cultura e os costumes moçambicanos. Nesse sentido, a figura do mais velho adquire importância para a formação e o desenvolvimento do menino: “o novo anda de mãos dadas com o velho. Em *Terra Sonâmbula*, mostra-se que o conhecimento ancestral é necessário para que se possa construir um novo paradigma”. (BACH, 2008, p. 3).

Com relação a Muidinga, podemos perceber que o personagem não conhece sua origem, sua família e sua história. Ao encontrar os cadernos com as estórias de Kindzu, o menino inicia a busca pela tradição de seu país. É na figura deste personagem que existe a possibilidade de sonho e de futuro, visto que as palavras alimentam a estrada a ser percorrida, que é a estrada utópica. Para Rejane Vecchia:

> Muidinga se apropria do passado de Kindzu, o que lhe dá algum conforto na identificação que aos poucos vai nascendo. O sonho é espaço em que o lugar ideal se apresenta, assim como o homem que deve habitá-lo (VECCHIA, 2002, p. 493).

O desejo de futuro e de sonho pode ser percebido à medida que os cadernos são lidos e que o menino imagina cores. O desejo é tamanho que o personagem rabisca no chão a palavra "azul". Posteriormente, a palavra "luz" é rabiscada, que, para o menino, é o feminino de azul às avessas. "As colorações que devia haver na vila de Kindzu antes da guerra desbotar as esperanças?! Quando é que cores voltariam a florir, a terra arco-iriscando? (COUTO: 2007, p. 37).

> De fato a única coisa que acontecia é a consecutiva mudança da paisagem. Mas só Muidinga vê essas mudanças. Tuahir diz que são miragens, frutos do desejo de seu companheiro. Quem sabe essas visões eram resultado de tanto se confinarem ao mesmo refúgio. Por isso ele queria uma vez mais partir, tentar descobrir nem sabia o quê, uma réstia de sonho, uma saída daquele cerco (COUTO, 2007, p. 63).

Todavia, gradativamente, a paisagem começa a ser percebida por Tuahir. O velho tem consciência de que não só ele e o menino estão em constante caminhada, mas a estrada também percorre seu caminho. No plano do sonho, Moçambique estava à procura de um futuro: "eu sei que é verdade: não somos nós que estamos a andar. É a estrada (...) era o país que desfilava por ali, sonhambulante" (COUTO, 2007, p. 137).

Outro ponto que dever ser destacado é a saída do refúgio, neste caso, o machimbombo. Semelhante escolha representa a abertura de um novo horizonte, um novo olhar, que tem, na paisagem, cores e alegria.

> Uma vez mais, a paisagem mudara seus tons e tamanhos. O arvoredo era mais baixo embora mais cheio. A humidade crescia, devia haver uma aguinha a correr perto. Tinham saído do autocarro na madrugada desse dia mas andaram apenas em círculos para não se afastarem muito de sua morada (COUTO, 2007, p 84).

Posteriormente, Muidinga percebe que são os cadernos de Kindzu que modificam seu olhar sobre a paisagem que se apresenta ao personagem de forma simbólica, pois representa o sonho, a possibilidade de encontrarem seres fantásticos, num espaço cujos acontecimentos beiram o plano do maravilhoso.

> A paisagem prossegue suas infatigáveis mudanças. Será que a terra, ela sozinha deambula em errâncias? De uma coisa Muidinga está certo: não é

> o arruinado autocarro que se desloca. Outra certeza ele tem: nem sempre é a estrada que se movimenta. Apenas de cada vez que ele lê os escritos de Kindzu. No dia seguinte à leitura, seus olhos desembocam em outras visões (COUTO, 2007, p. 99).

No que diz respeito ao personagem Kindzu, podemos afirmar que, ao escrever os cadernos, o personagem tem como missão a preservação das tradições e costumes de seu país, que são de fundamental importância para a memória coletiva do povo. Nestes escritos, somos apresentados a um país que vivencia conflitos sociais, políticos e culturais. O espaço vivenciado por Kindzu é poético e simbólico, cuja terra e seus elementos tem funções primordiais, representam a origem e fim das coisas. A relação do mar com o personagem revela que o elemento é a extensão de seus sentimentos e de seus desejos. "Talvez que ali, no meio de tão extensas securas, o mar fosse a fonte que trazia e levava todos os meus sonhos" (COUTO, 2007, p. 107).

Outra relação importante que deve ser ressaltada nesta abordagem é a afeição pelo lugar, neste caso, Matimati. O que antes era visto como um local de ruínas, após as experiências vivenciadas pelo personagem, é local de acontecimentos importantes, o que modifica o olhar do personagem sobre o lugar, que é visto com beleza e com cores.

> Ao avistar a praia de Matimati, comprovei como são nossos olhos que fazem o belo. Meu estado de paixão puxava um novo lustro àquela terra em ruínas. Aquelas visões, dias antes, já tinham estado em meus olhos. Porém, agora tudo me parecia mais cheio de cores, em assembléia de belezas (COUTO, 2007, p. 104).

Ao passo que a leitura de Muidinga avança, o olhar sobre a paisagem é modificado, pois o que era antes cinza e sem cores agora se apresenta com as primeiras cores e com vida:

> A paisagem, em redor, está mudando suas feições. A terra continua seca, mas já existem nos ralos capins sobras de cacimbo. Aquelas gotinhas são, para Muidinga, um quase prenúncio de verdes. Era como se a terá esperasse por aldeias, habitações para abrigar futuros e felicidades. (COUTO, 2007, p. 49).

Após observarmos estes dois trechos, evidenciamos a mudança da percepção da paisagem expressa pelo personagem Muidinga. É possível notar que o que antes se apresentara como a expressão da dor e da guerra agora é um caminho de sonhos e de futuro. Esta dicotomia entre a estrada real e a estrada imaginária é, na verdade, uma relação entre paisagem real e paisagem imaginária. É importante ressaltar que, nesta relação, a paisagem real não existe sem a paisagem imaginária e vice-versa, pois fatores como a cultura e a experiência, no caso desta narrativa, a experiência, fazem com que o personagem fantasie sobre a paisagem que se apresenta:

> A passagem da não-percepção da paisagem para a percepção lúcida e transformadora se dá de forma gradativa, como a acompanhar a transposição da estrada morta em estrada viva (FEITOSA, 2007, p. 192).

Um ponto importante que deve ser apresentado é que a paisagem não se apresenta como algo estático, na verdade ela é algo que está em constante transformação, pois as histórias de vida, as experiências e as perspectivas também sofrem alterações.

No que diz respeito às relações entre os personagens com o espaço vivenciado, recorremos à importância da história de vida, da experiência e da cultura para o processo de percepção da paisagem, afinal uma das principais ideias defendidas por Yi-Fu Tuan é a ideia da experiência como fator dominante neste processo.

Aliado a ideia de experiência e lugar, podemos perceber que, à medida que Muidinga lê os escritos de Kindzu, o lugar se lhe apresenta familiar, ou seja, estão se estabelecendo relações de afetividade com o lugar, que, para Yi-Fu Tuan, é *Topofilia*. Porém, a relação entre a estrada real e imaginária que antes se apresentara dicotômica, é posteriormente encarada como dialética, pois percebemos que, com o avanço de Muidinga e Tuahir, aliado à trajetória de Kindzu à procura de Gaspar, Moçambique é um país cheio contrastes, que se conflituam constantemente.

> Vidas que se modificam no contato com o outro. A construção da identidade como parte da viagem. Isso é o que se percebe nas páginas de *Terra Sonâmbula* (1993). Personagens que transitam do sonho para o pesadelo da realidade, que choca e paralisa. Percepções que vão se modificando, à medida que a narrativa avança. O olhar já não é mais o

> mesmo porque, no caminho, algo foi modificado, não fora, mas dentro do indivíduo que caminha. (BACH, 2008, p. 6).

É possível afirmar que o maior conflito do país nesta guerra civil é o seu futuro e sua identidade. A própria representação da nação não procede de forma geográfica, uma vez que percebemos em vários trechos o caráter poético, simbólico e utópico da nação.

A representação do espaço moçambicano que a princípio é vista como fantástica nos serve como alerta para os vários terrores que a população teve de vivenciar, afinal, o mais espantoso não são os acontecidos fantásticos, e sim os conflitos armados que destruíram o país. Através do sonho, um futuro pode ser construído. Na figura de Muidinga, depois revelado Gaspar, novas páginas são escritas na história e na memória do país. Temos, na figura deste personagem, o encontro do velho com o novo, da tradição com a modernidade e da realidade com o sonho. Ele é a semente de um futuro para a nação moçambicana.

> Mais adiante segue um miúdo com passo lento. Nas suas mãos estão papéis que me parecem familiares. Me aproximo e, com sobressalto, confirmo: são os meus cadernos. Então, com o peito sufocado, chamo: Gaspar! E o menino estremece como se nascesse por uma segunda vez. De sua mão tombam os cadernos. Movidas por um vento que nascia não do ar mas do próprio chão, as folhas se espalham pela estrada. Então, as letras, uma por uma, se vão convertendo em grãos de areia e, aos poucos, todos meus escritos se vão transformando em páginas de terra (COUTO, 2007, p. 204)

Ao mesmo tempo em que Muidinga (re)nasce ao descobrir sua identidade, Moçambique redescobre sua cultura e sua identidade. O passado carregado de tradições e lendas orais é que semeia o campo fértil para o futuro. No final dessa viagem, há o encontro do velho com o novo. A tradição que é semeada no futuro.

> Brota desse chão uma literatura apaixonada e apaixonante que envolve o mundo em pura poesia, sem deixar de ver as coisas como elas são. O realismo dessa literatura não é do tipo que conhecemos. Para alcançar a possibilidade do sonho, é preciso atravessar o deserto fundado pela guerra, pisar sobre corpos queimados e sobre a superfície estéril da terra.

> É de escombros que Mia Couto ergue sua literatura, um monumento em louvor da vida (MAQUÊA,2005, p. 167).

**Considerações finais**

Em um processo dialético, realidade e imaginação transitam pelas páginas da narrativa de Mia Couto. Podemos afirmar que, aliados a estas idéias, temos, na representação do espaço literário, os anseios de personagens que, ao vivenciarem os conflitos da guerra, mergulham no passado em busca de reconstruir o futuro. A guerra civil moçambicana teve o conflito de dois grupos que apresentavam características diferenciadas quanto às perspectivas sócio-econômicas para o país. É importante ressaltar que o maior conflito do país era ideológico. Podemos perceber que estas dúvidas deram-se primeiramente com o regime colonial, pois, ao invadir o país, o colonizador interfere na cultura, nos hábitos e silencia o colonizado.

Após um processo de independência doloroso, o país mergulha numa guerra civil que dura mais de vinte anos. Desta forma, é possível notarmos que temos em conflito os aspectos da cultura europeia que necessitam dialogar com as várias culturas que já existiam em solo moçambicano. Como consequência, compreendemos as incertezas da população no campo cultural e ideológico. Na narrativa de Mia Couto, somos apresentados ao país em plena guerra e é possível notar a devastação tanto material quanto imaterial.

Contudo, no romance *Terra Sonâmbula*, o escritor, mediante as figuras de Muidinga, Tuahir e Kindzu, semeia a esperança de futuro. É a tentativa de construir uma nova estrada onde possam transitar e viajar os sonhos de todos os moçambicanos. Com o personagem Tuahir, temos a perspectiva da importância do conhecimento ancestral e da sabedoria. Tal valor merece destaque, pois, nas sociedades africanas, a figura do mais velho merece destaque e representa a experiência. Nos cadernos de Kindzu, também temos essa perspectiva. Porém, esse conhecimento está ancorado na escrita formal. Com relação a este aspecto, temos a preocupação do personagem em registrar as narrativas orais e os rituais moçambicanos, afinal, com os conflitos armados, tais aspectos poderiam ser extintos. Ao ler os cadernos, Muidinga representa a união da escrita formal com a tradição oral, pois ele lê e conta as histórias, o que revela a importância dessa relação para o futuro do país.

À luz dos pressupostos teóricos da Teoria da Percepção da Paisagem, o presente artigo evidenciou a importância do espaço para o desenvolvimento da trama romanesca. Desta forma, Mia Couto apresenta um país rico em tradições e rituais.

Estes aspectos foram de fundamental importância para a (re)construção da memória coletiva dos personagens. A estrada a ser trilhada é a do futuro mergulhado em sonhos e em esperanças. Por fim, concluímos que, no romance *Terra Sonâmbula*, a paisagem é peça fundamental para o conhecimento humano. É a tentativa de preservar uma nação, juntamente com toda a sua história, com sua memória, pois a falta de identidade cultural e de memória significa a morte de um povo. Representa não ter raízes. É uma perda até mesmo da constituição do sujeito enquanto ser histórico.

**Referências**

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**; [tradução Antonio de Pádua Danesi; revisão da tradução Rosemary Costhek Abílio.] – São Paulo: Martins Fontes,1993. (Coleção Tópicos).

BACH, Carlos Batista. Sonhos de Esperança em uma Terra Sonâmbula. In: **Revista eletrônica de crítica e teoria de literaturas**. Dossiê: literatura, oralidade e memória PPG-LET-UFRGS – Porto Alegre – Vol. 04 N. 01 – jan/jun 2008. Disponível em www.seer.ufrgs.br/index.php/NauLiteraria/article/view/.../3413 Acesso em 25/02/09.

BASTOS, Ana Regina Vasconcelos Ribeiro. **Geografia e os romances nordestinos das décadas de 1930 e 1940: uma contribuição ao ensino**. Dissertação de Mestrado: FFCLH-USP, São Paulo, 1993.

BRAGA, Paula. **Crenças e tradições moçambicanas por Mia Couto**. Disponível em: http://www.ccpm.pt/34_mia_couto.pdf Acesso em 15/05/2009.

CAMPOS, Josilene Silva. Murmúrios e sonambulismo em terras moçambicanas. In: **Revista África e Africanidades** - Ano I - nº. 2 - Agosto/2008. Disponível em: www.africaeafricanidades.com. Acesso em: 01/06/2009.

CAVACAS, Fernanda. Mia Couto: palavra oral de sabor quotidiano/palavra escrita de sabor literário. In: CHAVES, Rita; MACEDO, Tânia**. Marcas da diferença: as literaturas de língua portuguesa.** São Paulo: Alameda, 2006.

COUTO, Mia. **Terra Sonâmbula**. – São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

DIMAS, Antonio. **Espaço e Romance**. – 1ªed. – São Paulo: Ática, 1985. (Série Princípios).

FARAH, Paulo Daniel. **Geografia da ausência: o espaço na literatura palestina (da terra natal ao Brasil).** Tese de Doutorado: FFCLH, São Paulo, 2004.

FEITOSA, Márcia Manir Miguel. Um olhar sobre Moçambique: a percepção da paisagem na literatura africana. O romance Terra Sonâmbula, de Mia Couto. In: ZANONI, Cláudio (org.). **Ciências Humanas em Revista**. – São Luís: Edufma, 2008. (Anais do VIII Encontro Humanístico).

GASPAR, Jorge. O retorno da paisagem à geografia: apontamentos místicos. In: **Revista Finisterra**, XXXVI, 72, 2001, pp. 83-99.

LARANJEIRA, José Pires. Mia Couto e as literaturas africanas de Língua portuguesa. In: **Revista de Filologia Românica**. Anejos. 2001, p. 85-205. Universidade de Coimbra.

MACQUEEN, Norie. Moçambique pós-colonial: ascensão e queda do afro-marxismo. In: **Relações Internacionais**. Dezembro: 2007 16 [pp. 197-200].

MAQUÊA, Vera. Três romances de Mia Couto: horizontes moçambicanos. In: MARTIN, Vima Lima. **Diálogos Críticos: literatura e sociedade nos países de língua portuguesa.** – São Paulo: Arte & Ciência, 2005.

TUAN, YI-Fu.**Topofilia: um estudo da percepção, atitude e valores do meio ambiente.** São Paulo/Rio de Janeiro: DIFEL, 1980.

_____. **Espaço e lugar: uma perspectiva da experiência**. Trad. de Lívia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983.

VECCHIA, Rejane. Terra Sonâmbula: A sobrevivência da Utopia. In: **Abrindo caminhos:** homenagem a Maria Aparecida Santilli. Coordenação e edição de Benilde Justo Caniato e Elza Miné. São Paulo: Coleção Via Atlântica, n° 02, 2002.

VENTURA, Susana Ramos. Narrar para ser: algumas considerações sobre identidades em três romances do macrossistema das literaturas de língua portuguesa. In: MARTIN, Vima Lima. **Diálogos Críticos: literatura e sociedade nos países de língua portuguesa**. – São Paulo: Arte & Ciência, 2005.